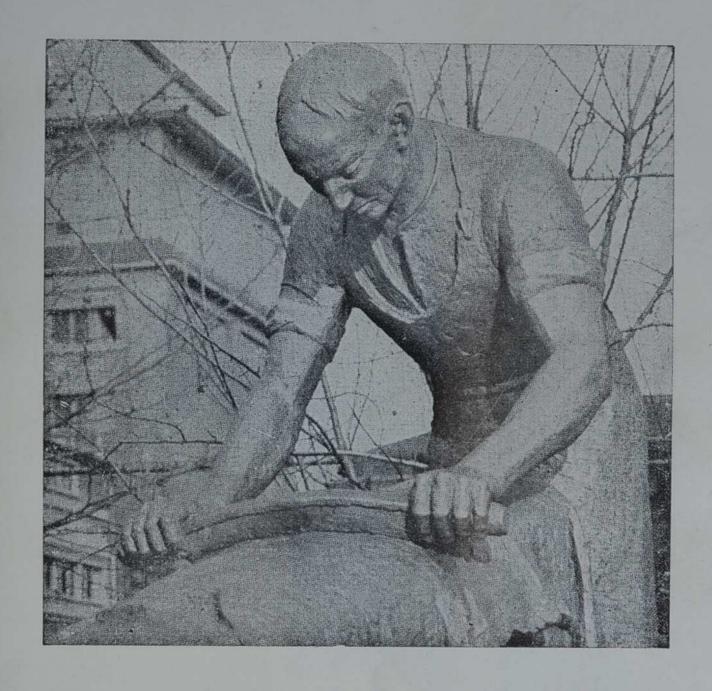
OCURTUME

BOLETIM DO CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL

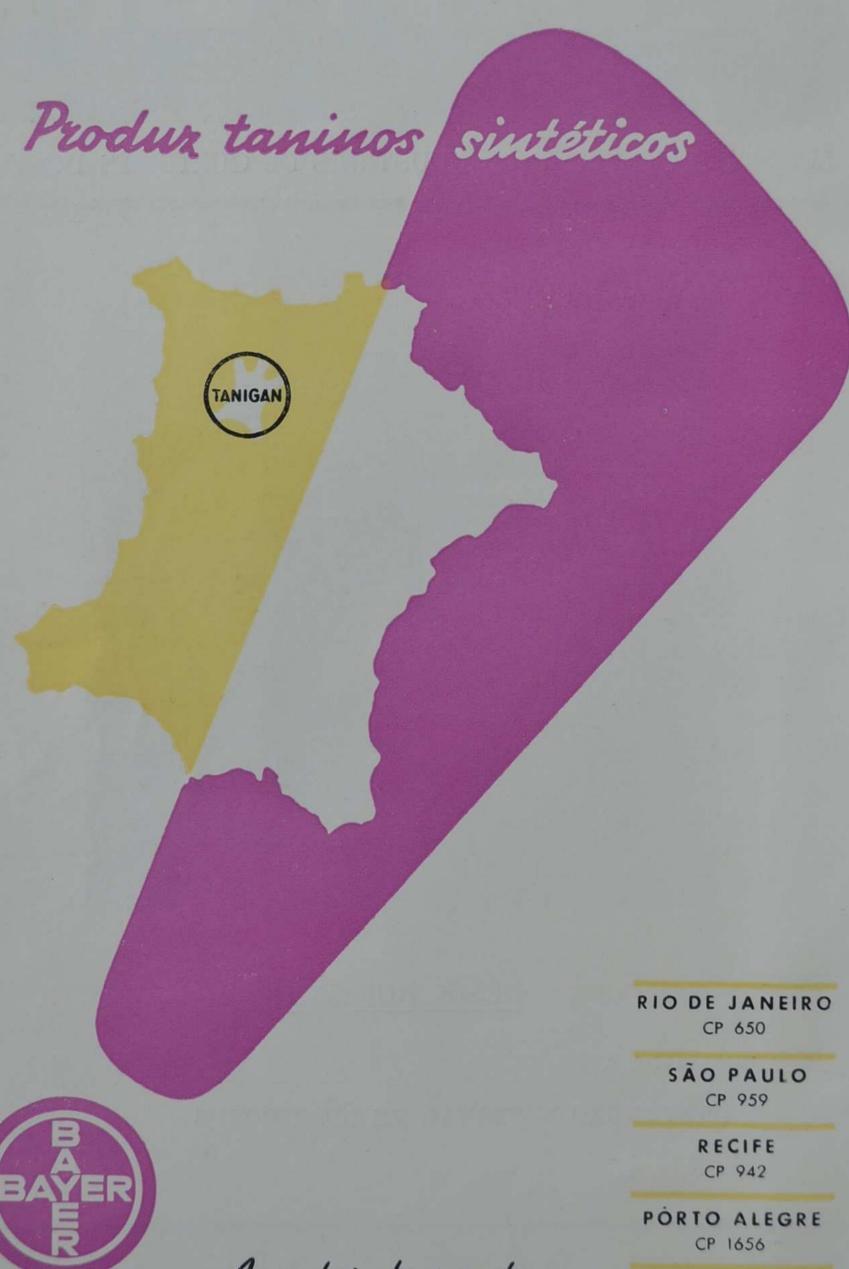


NÊSTE NÚMERO:

• REALIZADA A

I CONVENÇÃO NACIONAL DE CURTIDORES

BAYER DO BRASIL INDÚSTRIAS QUÍMICAS S. A.



Agentes de venda:

ALIANÇA COMERCIAL DE ANILINAS S.A.

0

CURTUME

BOLETIM MENSAL INFORMATIVO

DIRETORIA
DO CENTRO DAS
INDÚSTRIAS DE
CURTUMES DO
BRASIL

Presidente: MÁRIO RUBENS COSTA

Vice-presidente: JOSÉ BONIFÁCIO DA SILVEIRA

1.º Secretário: FERNANDO DA CUNHA ANDRADE

> 2.º Secretário: PEDRO LOSI

1.º Tesoureiro: HENRIQUE DE MELO E CASTRO DOURADO

2.º Tesoureiro: PAULO ROTSEN DE MELO

Conselho Administrativo:
AUGUSTO CANTÚSIO
MÁRIO RESENDE
RIBEIRO
RALF OTE
FREDERICO BUSATO
JOÃO MOTTA
JOAQUIM MEDEIROS
JOSÉ PIRES GUERREIRO
ÂNGELO FIGUEIREDO
JUSTINIANO GRANJO
LUIZ PODBOI
JOSÉ CAPELO
RODRIGUES
NESTOR GUILHERME BIER

Conselho Fiscal:
(Efetivos)

RÉGIS SOULAZ

AIRES NORONHA ADURES

NERY NEVES DE

OLIVEIRA MARQUES

(Suplentes)
LUIZ FÉLIX CARDAMONE
ROBERTO ZIETTMANN
MÁRIO ABDALLA

Redator Principal: MAURICIO DEJANIR HERNANDORENA

Sede

RUA MÉXICO, 111 Grupo 1.701 End. Telegr.: CURTIDORES

Telefone 42-6374

RIO DE JANEIRO Brasil

A CONVENÇÃO

Pois o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil promoveu a sua I Convenção Nacional de Curtidores. Foi uma iniciativa quase de-repente, premida pela fôrça dos problemas postos diante da uma circunstância irretorquível: a proximidade da instalação de um novo Govêrno Federal, com um programa inspirado nas próprias aspirações populares e das classes produtoras.

Ora, o quadro se tornou nítido e a entidade dos curtidores não poderia alheiar-se ao seu exame. Eis, então, por que apelou para os representantes de tôdas as regiões e — disso tiremos boa parcela de otimismo — a afluência a São Paulo foi plenamente satisfatória. Os colegas compreenderam o motivo do apêlo e os que não puderam comparecer enviaram palavras de apoio e estímulo, capazes de acentuar o grau de união que vamos atingindo, para a nossa própria defesa, para o nosso próprio fortalecimento.

Assim, a I Convenção Nacional de Curtidores teve dupla vitória: a de analisar com propriedade os problemas do temário e indicar as devidas soluções, sugerir o comportamento da classe perante os fenômenos econômicos, e a de marcar, na vida da nossa comunidade industrial, aquilo que de mais necessita para vencer: a coesão, sob o espírito democrático extraído dos diálogos livres, dos debates sem rebuços ou hesitações, enfim, do encontro de homens ciosos de que a segurança do seu trabalho individual só é possível mediante a sua adição ao trabalho coletivo.

Este número de O CURTUME reflete o panorama do nosso primeiro conclave. Um conclave de pontos-de-vista, uma verdadeira Convenção de idéias para garantir uma jornada àqueles que, até há poucos anos, lutavam distanciados uns dos outros: os curtidores.

l Convenção Nacional de Curtidores

PROGRAMA

Dia 19:

- 9 horas Instalação solene dos trabalhos no salão nobre da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.
- 10 horas Constituição e escolha dos membros que formamarão as 3 comissões técnicas e início dos seus trabalhos.
- 16 horas Discussão e votação, pelo plenário, do Parecer elaborado pela Comissão n.º 2.

Dia 20:

- 9 horas Discussão e votação, pelo plenário, do Parecer elaborado pela Comissão n.º 1.
- 11 horas Discussão e votação, pelo plenário, do Parecer elaborado pela Comissão n.º 3.
- 14 horas em diante Reservado para palestras e conferências dos diretores das emprêsas fornecedoras de matérias primas.

Dia 21:

9 horas — Encerramento.

TEMÁRIO

- Comissão n.º 1 Exportação de couros curtidos para países importadores de couros crus nacionais;
- Comissão n.º 2 Reforma da Legislação do Impôsto de Consumo;
- Comissão n.º 3 Planejamento e orientação dos problemas nacionais da indústria de curtumes:
 - 1 Legislação normativa do emprêgo da palavra "couro", na publicidade e nos produtos manufaturados;
 - 2 Revisão das normas técninicas para padronização dos couros curtidos;
 - 3 Política Comercial;
 - a) observância rígida na classificação e qualidade no recebimento da matéria prima, buscando incentivar a melhoria dos processos e padrões;
 - b) reequipamento e atualização dos processos industriais;
 - c) Revisão dos processos de comercialização: prazos de venda, prazos de fornecimento, descontos e níveis de preços;
 - d) Recomendações gerais e análise da conjuntura no próximo biênio.



O Sr. Mário Rubens Costa, ao centro, vendo-se, à direita, os Srs. José Bonifácio da Silveira, Fernando da Cunha Andrade e Roberto Zietmann; à esquerda, os Srs. Paulo Rotsen de Melo, Deputado Clóvis Mota e Cônsul Luiz Pedroso Villarinho

INSTALAÇÃO: Ponderações Sôbre Grandes Assuntos

PALAVRAS DO SR. ANTÓNIO DEVISATE, PRESI-DENTE DA FIESP — COMO FALOU O SR. MÁRIO RUBENS COSTA — DISTINÇÃO AO SR. PAULO ZIMMERMANN

Espírito democrático desde o início

Curtidores de todo o País consolidaram os seus propósitos de união e passaram a definir os rumos da classe ao realizarem, com êxito, a I Convenção Nacional de Curtidores, promovida pelo Centro ds Indústrias de Curtumes do Brasil, de 19 a 21 de janeiro de 1961, na sede da Federação Indústrias do Estado de São Paulo. Durante três dias, assim, elementos das diferentes regiões estiveram, com alto espírito democrático e objetividade, estudando os problemas mais agudos do momento para indicar soluções equânimes, capazes de consolidar os princípios que nortearam a fundação da sua entidade.

PRÉVIA

Já no dia 18 era considerável o número de curtidores presentes em São Paulo, atendendo à convocação do C. I. C. B. Cumpre salientar que a Convenção foi resolvida em tempo curtíssimo, dada a premência dos assuntos que a motivaram, mas o comparecimento dos industriais respondeu pelo interêsse de a classe unir-se e

reunir-se quando e onde necessário se tornar.

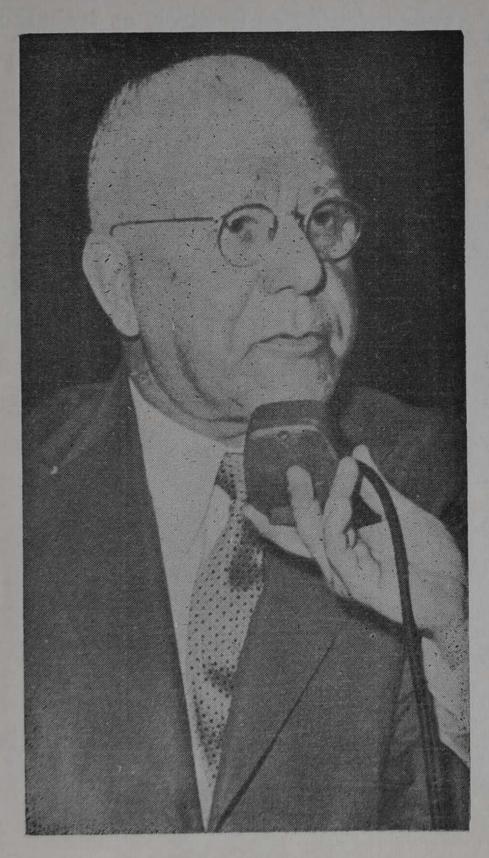
Ao fim da tarde de 18, sob a direção do Sr. Mário Rubens Costa, presidente do CICB, houve um encontro prévio, informal, de curtidores, para discussão generalizada de pontos de vista e definição da sistemática do temário. Sem caráter deliberativo, apenas para maior aproveitamento da estada dos industriais então em S. Paulo, discutiram-se vários assuntos e tratou-se do regime a ser obedecido pelo conclave.

INTEGRAÇÃO

De acôrdo com o programa, na manhã do dia 19, solenemente, instalou-se a I Convenção Nacional de Curtidores, no salão nobre da FIESPCIESP, a cujo presidente, Sr. Antônio Devisate, como convidado especial, coube a alocução de abertura.

"Ao instalarmos esta Convenção de todos os curtidores do Brasil — disse —, certos estamos de que dessa troca de idéias que ides iniciar daqui a pouco naturalmente advirão para o

País formas ou, pelo menos, orientações que possam ser levadas aos poderes competentes para uma nova política. Neste momento, debatemos em São Paulo a integração econômica do Nordeste no conceito da Nação brasileira. É, realmente, um fato auspicioso êsse de que é exatamente São Paulo onde se realiza tal movimento, Estado aliás algumas vêzes atacado inadvertidamente por alguns".



O Sr. Antônio Devisate discursando

Depois de frisar que São Paulo sempre procurou ajudar seus irmãos, o Sr. Devisate lembrou um estudo, feito na véspera, pelo Sr. José Ermírio de Morais, focalizando aspectos fundamentais da integração Sul-Nordeste.

"Os resultados desta Convenção que ora se inicia — prticularizou — serão assim levados ao Sr. José Ermírio, para incluí-los no bôjo do seu trabalho, a fim de melhor caracterizar os problemas econômicos".

E, prosseguindo:

que os senhores têm "Parece como um objetivo passar o Brasil de exportador de couros crus para couros curtidos. Mas nem todos os curtumes estão aptos para isso. Se a demanda for grande, os que não estiverem preparados terão mais dificuldades para se colocar à altura. É evidente, porém, que o problema é o mesmo em relação a outros produtos. Ontem mesmo, uma delegação de economistas argentinos, chefiados pelo ex-Ministro das Relações Exteriores de Frondizi, estiveram aqui. Disseram que a Argentina deixou de ser o país que só exportava carne e trigo. Hoje, está-se industrializando. Éles visitaram o Brasil e já puderam notar que estava mais adiantado na sua industrialização. Era preciso, pois, reformular a nossa posição
para continuarmos a desenvolver as
trocas entre Argentina e Brasil. Tudo
isso é fruto da evolução que experimentamos".

Louvando o Govêrno do Sr. Juscelino Kubitschek, nos seus esforços para imprimir ritmo acelerado no desenvolvimento nacional, o Sr. Devisate acrescentou:

"O Brasil foi colocado na posição de franco desenvolvimento. Precisamos preparar para corresponder aos apelos dêsse desenvolvimento, sob risco de abrirmos campo a outros países que igualmente se desenvolvem".

O presidente da FIESP-CIESP se referiu, então, a um dos fatores preponderantes àquela preparação: o fator humano. Recordou palavras suas, em Genebra, quando delegado brasileiro junto ao Bureau Internacional do Trabalho: "Nós não desejamos mais colaboração em empréstimos de dinheiro, porque já foi demonstrado que os que até hoje foram feitos beneficiaram mais os que os deram do que os que os receberam. Precisamos de técnica, de homens capazes de desenvolver a técnica moderna. Esta, sim, é a

ajuda de que os necessitamos. O nosso país desenvolve-se ràpidamente e o número de engenheiros de que carecemos deve andar com uma diferença.. de cinco mil".

Referiu-se, a respeito, ao intuito da FIESP em apressar a formação de mão-de-obra qualificada. A Casa subvenciona uma escola de engenharia industrial com dez milhões de cruzeiros. São os técnicos intermediários, que substituem os engenheiros, os que devem orientar os mestres, os trabalhadores, essencialíssimos. Aludiu, ainda, à manutenção de 28 brasileiros em estabelecimentos especializados. Já no próximo ano, alunos dêsses cursos entrarão para fábricas. No SENAI, preparam-se meninos que chegam a saber mais do que alguns mestres. E sublinhou o Sr. Devisate: "Fazemos cursos nas próprias fábricas, proporcionando debates entre mestres e operários".

Outra vez, dirigindo-se aos convencionais para tratar do seu tema:

"Também os senhores, se vão pretender exportar couros preparados, precisam de preparo técnico. É uma aspiração muito justa. Temos que insistir na exportação de produtos manufaturados e não de matérias-primas, porque a história de todos os povos que ficam só exportando matéria-prima demonstra que êles vivem eternamente em dificuldades. Nós estamos marchando aceleradamente para a industrialização e por isso faço um apêlo: ao passar a presidência da Mesa ao presidente do Centro, encareço a necessidade de os senhores se empenharem nas suas discussões de conseguir um trabalho capaz de ser apresentado ao Govêrno, a fim de ajudá-lo no planejamento da sua política".

FASE DE MODIFICAÇÃO

Assumindo a direção dos trabalhos, o Sr. Mário Rubens Costa proferiu breve discurso: "Agradeço ao presidente da FIESP por ter-nos cedido a
Casa à nossa convenção; ao Ministério
das Relações Exteriores, pela presença
do Cônsul Luiz Pedroso Villarinho,
que veio observar os trabalhos; agradeço a todos os curtidores que se deslocaram dos mais distantes Estados,

Um aspecto parcial do plenário



para prestigiar esta reunião que, por ser a primeira, terá as suas falhas, mas será uma semente para que no futuro, uma vez por ano, haja um congresso nas mais diferentes regiões do País, para discutir os problemas e traçar diretrizes".

E continuou: "O País atravessa uma fase de desenvolvimento sem precedentes na História. Por contingência histórica, peculiar à Nação, uma infinidade de grupos industriais vive uma fase de modificação, fase muito delicada, considerando-se que o pêso dessas indústrias no cômputo da renda geral é ponto dos mais importantes. Grupos econômicos até ontem com relação de valores acentuados passarão a terceiro ou a quinto plano se não tomar medidas que as contingências econômico-sociais exigirem. Esta Convenção se realiza no fim de um Govêrno e na espera de um novo, em fase de transição política que vem deixando as camadas representativas da Nação em expectativa e também com evidentes incertezas. Se bem que nós, brasileiros, tenhamos grande confiança no futuro, cabe-nos a responsabilidade de contribuir para a solução dos problemas. Precisamos encarar a realidade, facilitar procurando ação sadia que as autoridades queiram tomar e, por pressão, às vêzes não tomam. Antes, pois, de começar o trabalho da constituição das Comissões, é êste o apêlo que tenho a fazer: que se tracem normas, que se procure por todos os meios evitar soluções de emergência e que se encarem todos os problemas com calma, com bom senso e, sobretudo, com vontade de acertar. Os nossos esforços vêm de longa data, as dificuldades são enormes, mas tenho certeza de que com a cooperação de todos conseguiremos efetuar progressos e alcançar a estabilidade que tanta falta faz à economia do couro, no Brasil"...

HONRA AO MÉRITO

Antes de se promover a constituição das três Comissões, incumbidas de estudar os problemas configurados no temário, o Sr.. Mário Rubens Costa

tratou do seguinte:

"Desde janeiro do ano passado, quando tive a honra de ser levado à presidência do Centro, ocorreu-me a idéia de prestar uma homenagem ao nosso primeiro presidente, de acôrdo com os Estatutos da Entidade. . O Sr. Paulo Zimmermann, velho batalhador pelos interêsses dos curtumes, o mais respeitado entre os curtidores, foi, pràticamente, o pai do nosso Centro e, agora, quando a criança começa a caminhar com as próprias pernas, é justo que se homenageie o fundador. Agora o CICB é uma realidade. De maneira que, neste momento, de acôrdo com o artigo 18 dos Estatutos, proponho à Assembléia que se conceda o título de Presidente Emérito ao Sr. Paulo Zimmermann. (Em outro local, destacadamente, a integra da proposição, que foi aprovada de pé, por unânimidade).



Extrato de acácia negra atomizado

curtimento mais rápido e mais eficaz.

* MAIS FÁCIL * MAIS BARATO * MAIS FACIL DE CARREGAR* DE TRANSPORTAR * DE DISSOLVER

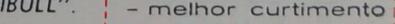
O Extrato de Acácia Negra Atomizado, além de proporcionar uma solução muito mais homogênea, dissolve—se também mais ràpidamente. Sem qualquer risco de dano, os couros e peles podem ser jogados diretamente nos tanques de curtimento.

E lembre-se! V. pode acrescentar a tôdas estas vantagens as qualidades da marca "MIMOSA WATTLE WEIBULL".

Um produto

TANAC

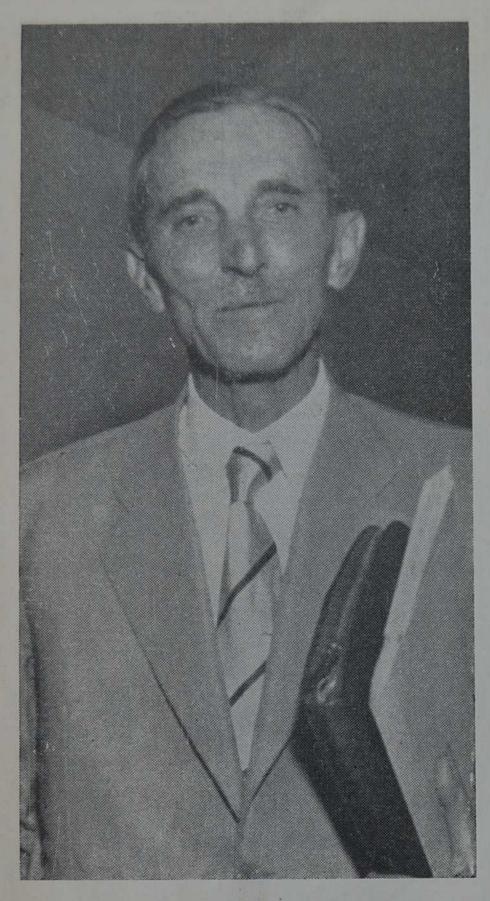
- melhor tanino
- melhor embalagem





TANAC S.A.

NDÚSTRIA DE TANINO MONTENEGRO - RS



O Sr. Paulo Zimmermann

PRESIDENTE EMÉRITO DO C. I. C. B.

PRIMEIRO PRESIDENTE EMÉRITO

Pela sua atuação imparcial, pelo denodo com que lutou para dar ao Centro das Indústrais de Curtumes do Brasil um destino seguro, capaz de confirmar os propósitos que animaram a sua fundação, o Sr. Paulo Zimmermann, que presidiu a Entidade nos seus primeiros quatro anos, foi agora distinguido com o título de Presidente Emérito.

Eis a íntegra da proposta aprovada por unanimidade pelos industriais reunidos na I Convenção Nacional de Curtidores, em São Paulo:

"De acôrdo com o artigo 18 dos estatutos sociais, propomos à Assembléia que conceda ao Sr. Paulo Zimmermann o titulo de Presidente Emérito.

JUSTIFICAIVA

- 1 Considerando que os estatutos sociais prevêem esta disposição aos que houverem exercido a Prsidência do Centro e cujos serviços à indústria forem considerados de grande relevância;
- 2 Considerando que o agraciado preenche êsses requisitos;
- 3 Considerando ser o mesmo sócio fundador do Centro;
- 4 Considerando ter sido seu primeiro Presidente, e já ter exercido a Presidência em duas gestões, com grande clarevidência e eficiência;
- 5 Considerando que se hoje existe congraçamento entre os industriais de curtumes, o foi pela persistência e devotamento do agraciado;
- 6 Considerando ser o mesmo um verdadeiro lider da classe.

Propomos a concessão do título de Presidente Emérito ao Sr. Paulo Zimmermann.

São Paulo, Sala das Sessões".

Composição das Comissões

Tôdas as Regiões Participam dos Trabalhos

A constituição das três Comissões exigiu detida troca de idéias. Para melhor sentido documentário, reproduzimos os pontos de vista emitidos assim que se encerrou a fase da abertura do conclave.

"As comissões serão compostas de cinco membros: presidente, dois vice-presidentes, um secretário e um relator" — informou inicialmente o Sr. Mário Rubens Costa, acrescentando: "Acho que as indicações devem ser feitas por aclamação. Estamos acostumados a dividir o Brasil em três regiões. Seria interessante adotar-se o critério de cada Comissão ter um membro, pelo menos, de cada região. Para a 1.ª Comissão, que vai tratar da ex-

portação de couro, seria preferível escolher os curtidores que já exportaram ou tiveram contato com os exportadores da matéria-prima. Peço, antes, que o plenário se manifeste sôbre êsse ponto. A aclamação dos nomes não causará distúrbios, pois nos conhecemos bem. Quem quiser pode indicar os membros para a Comissão n.º 1, que tratará do comércio exterior".

O SR. PEDRO LÓSI — Parece que a Assembléia tem dificuldade de compor a comissão. Acho que a sessão deve ser suspensa para podermos debater êsse assunto, por algum tempo.

O SR. PRESIDENTE — Perfeitamente. Podemos suspender os traba-



Comissão n.º 3: maior número de representantes

lhos por algum tempo e debatermos o assunto nesta mesma sala.

O SR. NERY NEVES DE OLI-VEIRA MARQUES — Acho que a Comissão não deve ser limitada a cinco membros. Ficariam cinco com direito a voto e os demais como assessores. Penso que devemos fazer três listas, referentes às três Comissões, para todos se inscreverem na Comissão em que desejarem atuar. Dêsses nomes, então, serão eleitos os cinco votantes.

A proposta foi aprovada e às 10 h

30m se reabriu a sessão com as listas prontas e dando o seguinte resultado:

1.ª COMISSÃO (Exportação de couros curtidos para países importadores de couros crus nacionais): Srs. Nery Neves de Oliveira Marques, Régis Soulaz, Justiniano Granjo, Fernando da Cunha Andrade, Vladislav Vucojicic e José Fasolo.

2.ª COMISSÃO (Reforma da Legislação do Impôsto de Consumo): Srs. Fernando Camilo Monteiro, Antônio Chaves, Joaquim Medeiros, Osvaldo Lacava e Angelo Figueiredo.

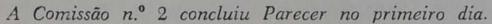
3.ª COMISSÃO (Planejamento e orientação dos problemas nacionais da indústria de curtumes): Srs. Nestor Guilherme Bier, Mário Rubens Costa, Augusto Cantusio, Roberto Zietmann, José Capelo, Luiz Rotsen de Melo e Lourenço Podboi Júnior.

Observações

O SR. PRESIDENTE — Na Comissão n.º 1 temos dois elementos do

Sul, dois do Centro e um do Norte. Na Comissão n.º 3, contando com mais elementos do que as outras, há representantes de tôdas as regiões. Estão, pois, constituídas. Quanto à última, uma vez que o número de membros é superior a cinco, os outros serão observadores. Reitero o apêlo para que as decisões sejam tomadas visando ao interêsse comum. Penso que todos conhecem bem a situação econômica do País.

O SR. MAURÍCIO DEJANIR



to an extension of the second of the second





O advogado Fernando Camilo Monteiro leu o Parecer da Comissão n.º 2, da qual foi relator

HERNANDORENA — Peço licença, Sr. Presidente, para fazer um pequeno esclarecimento sôbre o problema da exportação de couros curtidos. Temos aqui o representante do Ministério das Relações Exteriores, que é o órgão governamental que negocia os convênios comerciais. A Comissão n.º 1, diante do quadro da realidade do mercado interno, tem assim enorme responsabilidade, porque aquilo que for decidido será a política que o CICB vai seguir. Dentro de poucos dias vai viajar para

o Rio de Janeiro uma nova missão econômica da Rússia, para negociar outro acôrdo. A URSS está altamente interessada nas negociações de couros crus nacionais. Nós já sofremos uma distorção muito grande no preço da matériaprima, com as transações com a Tchecoslováquia e a Polônia. Hoje nós pagamos internamente pelo couro cru 30% acima da paridade do mercado internacional. Essas ponderações são a título de lembrança, porque todos os senhores são curtidores e sentem o

problema do preço do couro. Se com a Polônia e a Tchecoslováquia já sentimos a especulação no preço da matéria-prima, a situação será ainda mais grave no futuro, caso seja negociado o Acôrdo sôbre a exportação de couro cru para a Rússia.

O SR. PRESIDENTE — Antes de encerrar os trablhos de instalação quero deixar que o plenário se manifeste livremente sôbre quaisquer assuntos. Se alguém quiser fazer uso da palavra, pode fazê-lo.

O SR. NESTOR BIER — Peço licença para comunicar que o Rio Grande do Sul se sente satisfeito pela concessão ao Sr. Zimmermann do título de Presidente Emérito. Pediria ao plenário o aclamasse com uma salva de palmas.

Os trabalhos das Comissões se iniciaram antes da hora prevista pelo programa, ganhando-se tempo, e foi aprovada a faculdade de membros de uma encaminharem sugestões a outra Comissão, dentro das suas atribuições.

A PRIMEIRA PLENÁRIA

A primeira sessão plenária da I Convenção Nacional de Curtidores se ocupou da apreciação do Parecer da Comissão n.º 2. Os debates, repetindo o tom verificado no ambiente da própria Comissão, foram orientados com senso e objetividade, marcando uma constante que atribuiu ao conclave uma louvável demonstração democrática.

O Parecer em tela foi, assim, aprovado e a sua íntegra vai publicada neste Boletim, junto à das demais Comissões.

Assuntos Vários

Simplificada a pauta, permitiu-se a manifestação do plenário sôbre assuntos vários. O Presidente Mário Rubens Costa agradeceu a presteza com que agiram os membros da Comissão n.º 2.

O SR. MAURÍCIO HERNANDO-RENA — Sr. Presidente, peço a palavra apenas para tratar do mercado latino-americano e as perspectivas de 1961. O "Correio do Povo", de Pôrto Alegre, como outros jornais, trouxexeram nota do Itamarati informando sôbre uma lista de 1.200 artigos a ser apresentada. Entre êsses artigos figuram os couros crus e curtidos e peles manufaturadas. A indústria de curtumes deve-se precaver da concorrência dos couros manufaturados por outros países integrados no mercado latinoamericano, principalmente a Argentina, não tanto pela manufatura, mas pela matéria-prima. Tenho mesmo preocupação de que sejam incluídos os couros crus argentinos e os manufaturados, pela simples razão de que o couro salgado na Argentina é matéria-prima de fácil colocação nos países de moeda forte. Todo país faz pressão para beneficiar a sua indústria e exportar a sobra de matéria-prima. Alimento dúvida quanto às demandas por parte de matéria-prima da Argentina, pois no Protocolo de Montevidéu não há obrigatoriedade de os países componentes da área do Mercado Comum em atender à demanda da própria área. Se for verdade que não vai haver modificações no futuro, corremos o risco de quando se comprar couro salgado argentino, poder-se-á dá-los como vendidos e não lograremos, então, consegui-los. No entanto, a Argentina terá o mercado brasileiro como área de consumo. Penso, assim, deva ser nomeada uma Comissão de homens com pleno conhecimento dessa matéria a fim de nos pôr de sobreaviso. Não quero insinuar devam ser retirados os couros da lista de trocas. Podemos pleitear seja feito um adendo ao acôrdo concedendo prioridade às demandas da área. .Realmente, é ponderável a apreensão a respeito. Essa cláusula, que não obrigue os países-membros a destinarem quotas de fornecimento, poderá suscitar, no futuro, o problema de a indústria brasileira querer importar couro argentino. Há, também, o perigo de as indústrias argentina e uruguaia disputarem o mercado brasileiro. Mas assim como os Governos da Argentina e do Uruguai poderão restringir ou limitar a venda do couro cru ao Brasil, também o Govêrno brasileiro poderá impedir que a Argentina e o Uruguai forneçam couros curtidos ao Brasil. Sugiro mesmo que aprovemos uma moção no sentido de o CICB se dirigir à Comissão Especial do Ministério das Relações Exteriores, que debateu a constituição do Mercado Comum Latino-Americano, para chamar a atenção, desde já, para êsse aspecto do problema, exigindo obrigatoriedade para serem atendidas, primeiramente, às exigências da área.

O SR. PRESIDENTE — Gostaria que o Sr. Consul nos falasse qualquer coisa a êsse respeito.

O CONSUL PEDROSO VILLA-RINHO — Estou aqui na qualidade de simples observador. Não cuido da Zona de Comércio e meus conhecimentos sôbre êsse assunto são teóricos. Tenho, porém, acompanhado os trabalhos da Comissão que no Ministério se encarrega do estudo sôbre o Mercado Comum, trabalho que tem sido, permanentemente, assessorado pela Confederação Nacional da Indústria e Connfederação Nacional do Comércio. Depois desta Convenção farei um relatório pormenorizado, no qual não deixarei de incluir a apreciação dos senhores sôbre o Mercado Latino-Americano. Acho, no entanto, que o Centro, como órgão de classe, se dirija ao órgão encarregado, manifestando a sua pretensão, que, acredito, será devidamente considerada.

O SR. PRESIDENTE — Uma vez que êsse problema foi levantado, gostaria de saber se alguém tem algo a falar sôbre o assunto. Em nome da Diretoria do CICB posso adiantar que nos dirigiremos à Divisão competente para que seja examinado o assunto e encontrada uma solução capaz de atender aos anseios da classe. Desde que a questão se mostra encerrada, vamos encerrar também os trabalhos de hoje para amanhã de manhã apreciarmos os relatórios das Comissões ns. 1 e 3, sôbre matéria importante e que exíge longos debates.

DEMORADOS DEBATES NA SEGUNDA PLENÁRIA

Pontos de vista convergiram para uma diretriz segura a ser observada pelo C.I.C.B.

Na manhã do dia 20 houve a segunda plenária, à qual se sumeteram as conclusões da Comissão n.º 1. O Sr. Paulo Rotsen de Melo justificou atraso do seu comparecimento e ofereceu aos colegas algumas observações em tôrno do Mercado Comum, salientando confiança em que "devido a facilidades de comércio com os países-membros haverá câmbio realmente expressivo para o futuro de nonssa indústria".

O SR. JUSTINIANO GRANJO

— Em nosso estudo já elaborado (Comissão n.º 1) se deveria lembrar ao
Govêrno a diferença entre os dois dólares existentes no mercado internacional, isto é, para o Ocidente e para o

Oriente. Acho que vale um estudo mais apurado.

O SR. MAURÍCIO HERNANDO-RENA — Ontem a Comissão n.º 1, reunida durante cinco horas, não chegou a uma conclusão sôbre o problema das taxas para a mtéria-prima e curtida. O problema é de conceituação complexa e não nos devemos esquecer que tanto o curtido como o couro cru gozam da mesma preferência na questão de liquidação das cambiais. Observamos que o mercado do Leste Europeu vendeu, fora da paridade do Mercado Ocidental. Hoje, os negócios brasileiros são feitos na base de 30% sôbre o mercado Ocidental. Isso inflaciona tre-

O CURTUME

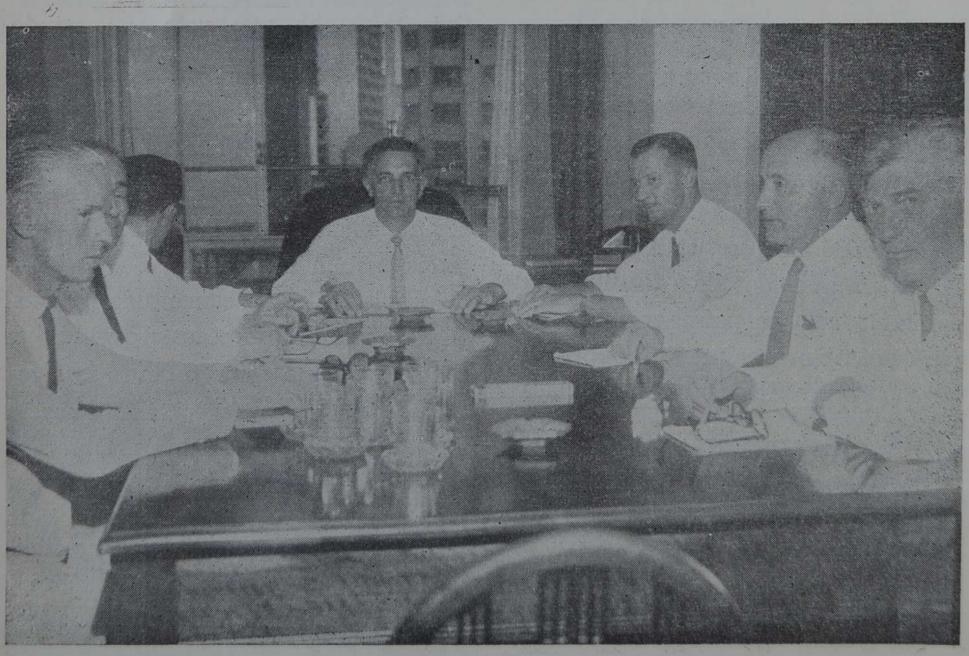
mendamente o custo dos curtumes. O Brasil estaria impossibilitado de concorrer com o mercado Latino-Americano pelo alto preço que paga pela matéria-prima. A Comissão discutiu muito, porém não chegou a uma conclusão definitiva. Talvez que, através de uma gestão política, após a posse do novo Govêrno, surgirá oportunidade para levarmos o problema às autoridades. Por isso, a Comissão teve em mira o critério de sugerir, agora, uma diferença, uma suspensão das restrições na liquidação de cambiais de exportação. Daí decorrerá, de imediato,

uma vantagem de 10%. E talvez com isso possamos encontrar melhor situação financeira para o couro cru exportado.

O SR. JUSTINIANO GRANJO

— Mas êsse caso não impede a conveniência de demonstrarmos ao Govêrno
a diferença existente.

O SR. PRESIDENTE — O plenário que se manifeste sôbre o Parecer da Comissão n.º 1, discutindo, amplamente, qualquer outra forma que julgar conveniente. Esta é matéria das



Comissão n.º 1: problemas delicados foram à mesa

mais importantes e a Comissão encontrou grande dificuldade em elaborar o seu parecer. Gostaria que o presidente da Comissão se pronunciasse em face das dificuldades encontradas e os motivos que a levaram a adotar uma forma que resolve, parcialmente, a situação.

O SR. NERY MARQUES — Vou dar aos senhores o ponto de vista predominante na Comissão. A dificuldade encontrada é que realmente ao Govêrno cabe fixar um teto mínimo de preço da moeda, mas dificilmente poderá obrigar o comprador a pagar menor preço do que êle se propõe a pagar. Criar-se-ia uma situação muito desagradável. Daí a razão de não encontrarmos uma relação entre as moeconversíveis e inconversíveis. das Houve, mesmo, idéia para que fixássemos percentagens, mas mesmo assim seria uma orientação deslocada do caráter do nosso trabalho. Estamos no fim de um Govêrno e sabemos que houve interessados na exportação e importação sôbre a disparidade entre as moedas. Não poderíamos sugerir algo inexequível. Por isso, voltamonos para o que já foi lido. Acrescentamos mais as necessidades com as quais a indústria se defronta para concorrer no mercado internacional, ou seja, uma diferença favorável para trazer uma compensação sôbre o nosso sistema de trabalho. Temos várias apreensões que o importador não tem. Com isso, penso, alertarmos com propriedade, em nossa exposição, o Govêrno. Comprovamos o nosso intuito com a demonstração de que a matéria-prima rende em divisas muito menos do que se industrializada. Até à presente data, os países de moeda forte se têm interessado pelas manufaturas, enquanto que os de moeda inconversível se interessam pela matéria 'in natura'.

O SR. PRESIDENTE — Peço ao Sr. Cônsul, que assistiu aos trabalhos da Comissão nn.º 1, que fale sôbre os seus resultados.

O SR. CONSUL PEDROSO VIL-LARINHO — Esclareço, novamente, que compareci a esta Convenção como simples observador e para fazer um relatório aos meus superiores. Não pude deixar, porém, de sob o ponto de vista puramente técnico, expor alguns conhecimentos que tenho sôbre o comércio exterior e o problema de todos os países exportadores. Como os senhores sabem, há dois aspectos a serem observados: 1) no plano interno, é o interêsse do exportador de matériaprima em contraposição ao interêsse do exportador de produto manufaturado; 2) no comércio internacional, o interêsse de todo país em exportar os seus produtos manufaturados em contraposição ao interêsse do país importador em comprar matéria-prima por ser mais barata e porque sofre maior oscilação no seu mercado. .A questão é complexa, porque é colocada no cam-

19



O Cônsul Luiz Pedroso Villarinho prestou valiosa colaboração. À direita, os Srs. Mário Rubens Costa e Fernando da Cunha Andrade

po interno e no mercado externo. Entre êsses jogos de interêsses situa-se o Govêrno. Todo país está interessado em vender o produto elaborado. Mesmo os países que têm um comércio muito liberal. E há sempre o recurso das taxas. Taxam-se altamente as matérias-primas e liberam-se os produtos manufaturados. Ao se iniciarem os trabalhos da Comissão n.º 1, senti que os dois pontos capitais eram o da exportação da matéria-prima e o dos preços. Em relação ao primeiro, posso assegurar-lhes que o Govêrno não

tem interesse em que a indústria brasileira sofra com falta de matéria-prima. Sôbre o problema do preço, há muitas dificuldades. Os senhores mesmo não iriam deixar de vender um produto a quem quisesse pagar mais. As razões de os importadores quererem pagar mais não podemos discutir aqui. No momento é inexequível imposição de preço máximo. Seria danoso à economia nacional e a nossa balança de pagamentos recusaria os preços altos, se tôda a luta que temos é a de estabelecer os preços dos produtos primá-

rios. Ora, se determinados países estão pagando mais por um produto primário, não podemos reclamar. O que me parece deva ser feito — e ressalvo não estar faltando como representante do Govêrno — é que se trate de um esquema geral de incentivo à exportação do produto manufaturado. O que a indústria de curtumes deve tentar conseguir é, exatamente, um melhor tratamento de tôda natureza, quer cambial, quer fiscal, para exportação dos seus produtos. Acho que eram essas as ponderações que tinha a fazer.

SR. MAURÍCIO HERNAN-DORENA — Chamo a atenção dos colegas para o problema das cotações internas e externas do couro cru. Os senhores sabem que a taxa das moedas inconversíveis é estabelecida paralelamente à do dólar no câmbio livre. Hoje temos 186 cruzeiros para o dólar inconversível. O dólar livre alterou-se para 238 cruzeiros e, segundo os técnicos, a tendência é de que se fixe um nível mais elevado. Os senhores estão com o problema bastante equacionado. Devem ter sentido que com essa alteração da taxa do mercado livre, também se alterará a taxa do câmbio. Por isso, ficaria muito satisfeito, já que no futuro teremos de desenvolver novas gestões, se os senhores oferecessem sugestões para que se resolvam os desníveis entre os mercados do Ocidente e do Oriente.

O SR. NERY MARQUES — Quero acrescentar mais alguns escla-

recimentos sôbre o desnivelamento dos preços das moedas, Julgo que não poderemos e não temos meios para levar ao Govêrno uma idéia ou uma sugestão definitiva sôbre as medidas que êle pudesse tomar para o nivelamento das duas áreas de moedas. O que o novo Govêrno deverá fazer, talvez, seria adotar medidas drásticas que fogem à nossa imaginação e que até provoquem prejuizos à economia do Brasil. A situação é grave porque qualquer alteração no câmbio de exportação atingirá o custo interno dos nossos produtos. Assim, acho que não nos cabe aprofundar na busca de idéias novas, antes que o Govêrno se manifeste. O que deveríamos ter sempre em conta é recomendar ao nosso Centro prosseguir atento às medidas que forem tomadas e, se possível, antes mesmo de serem tomadas, que dê conhecimento aos associados. Penso que o nosso parecer da Comissão alerta perfeitamente as autoridades. Quanto aos exportadores, êles sempre desconhecem se vai haver excedentes; quanto aos produtores, não vejo prejuizo, pois haverá essa movimentação de quatro meses, entre o produtor, o industrial de curtumes e o Govêrno. Não iríamos pedir intervenção nos prazos e, sim, verificação de estoques. O exportador tem que comprovar, antes de pedir licença, que dispõe da mercadoria. Não podemos exigir dos frigoríficos que nos entreguem o couro por menor preço do que êles o obtêm no mer-

21

cado internacional. De modo que, penso eu, as proposições constantes do nosso Parecer satisfazem, em conjunto, à indústria curtidora. Espero que estejam bastante esclarecidos e, se houver debate sôbre essa matéria, que seja sobremodo objetivo.

O Sr. Presidente Mário Rubens Costa, para facilitar a apreciação, pelo plenário, do Parecer em seus detalhes, passou a submeter à discussão item por item. O Sr. Murício Dejanir Hernandorena lembrou demarches do CICB quanto a questões de exportação de couros, o Sr. Paulo Rotsen de Melo solicitou alguns esclarecimentos, dandose por satisfeito com apartes do Sr. Nery Marques e o Sr. Mário Abdala trouxe à luz subsídio da sua área.

O SR. MÁRIO ABDALA — Vou externar um ponto de vista comum dos curtumes do Brasil Central e posso dizer que não desejamos contrariar a explanação da Comissão n.º 1, relativa ao prazo de quatro meses para o estudo da formação dos estoques exportáveis. Aprovamos de pronto essa deliberação, muito embora ela não seja

Comissão n.º 3: várias recomendações foram jeitas



razoável na adaptação de período de quatro meses. Houve uma diminuição acentuada na matança do Brasil Central. As charqueadas diminuiram-na em aproximadamente 50%. Dentro dêsse período de quatro meses, os curtumes do Brasil Central têm uma capacidade econômica diminuta e uma pequena capacidade para fazer provisões para o ano inteiro. No que diz respeito à afirmação do Sr. Presidente, que não há falta de couro, podemos afirmar que no Brasil Central há falta absoluta de couro. A verdade é que os curtumes dessa região têm que se suprir em São Paulo. Estamos, no entanto, de pleno acôrdo com o Parecer da Comissão, porque não podemos escolher uma fórmula que atenda a tôdas as regiões. Neste instante, reafirmamos o nosso ponto de vista sôbre a exportação: somos integralmente favoráveis ao mercado livre, sem restrições.

O SR. PRESIDENTE — Quando falei da não existência da falta de couro, tinha em mira o Brasil inteiro, como um só. Dentro de algum tempo os abates em bases obsoletas não serão permitidos e, então, aumentará a quantidade de couro.

O SR. NERY MARQUES — Todos êsses aspectos do problema foram debatidos na Comissão. Para mim, que a presidi, e que pertenço à 1.ª Zona, a liberdade incondicional da exportação em outras zonas é agradável. Não te-

ríamos problemas de abastecimento mesmo com o regime de quotas. Mais ainda: teríamos maior segurança, pois no momento em que viessem os colegas de fora, não consentiríamos na saída de couros do R. G. do Sul para outras zonas. O projeto aprovado foi para dar garantia a tôdas as indústrias pequenas do interior. Daí a defesa que a presidência da Comissão fêz da proposição.

O SR. PAULO ROTSEN DE MELO — A exposição do Sr. Nery veio corroborar a nossa. Isso traria para nós, se possível, um financiamento destinado à aquisição da mercadoria na época de safra. O Brasil Central talvez precisasse de uma medida de financiamento como a do R. G. do Sul. Eu, pessoalmente, estou de acôrdo com que a 1.ª Zona permaneça no regime de quotas.

O SR. NESTOR BIER — Se o Govêrno tomar por norma prestigiar a nossa indústria e nos propuser alguma coisa, que possa nos ajudar, teremos essa proposição muito bem justificada. Se bem que a parte do Brasil Central tenha de ser melhor explicada. Sôbre o preço, seria uma maneira que acho poderia ser proposta assim: o preço ser retido pelo Banco do Brasil, como ágio. Quer dizer, o exportador venderia, como hoje, mas o Govêrno seguraria a diferença como ágio para si. Aí, o exportador não teria interêsse em vender couros para o exterior. Os cur-

tidores brasileiros ficariam com o preço igual ao internacional, com base da Argentina e do Uruguai. Portanto, devemos esperar a direção que irá assumir o novo Govêrno.

O SR. PRESIDENTE - Chamo a atenção dos senhores para um fenômeno da economia internacional. A tendência geral é para a criação de grandes áreas de comércio. Já temos vários mercados. Países mesmo com características diversas e capacidade econômica diferente unem-se num só mercado. como é o caso da Itália e Inglaterra. Assim é no Brasil. Temos regiões com características diferentes, mas não temos diversidade de línguas, de filosofia, de étnica. No entanto, os países se fundem no interêsse econômico. Estamos vendo que a América Latina também está tratando de constituir um mercado comum, para que um supra a falta de outros. E no Brasil vemos uma tendência para a desagregação e divisão em zonas. Isso não deixa de ser um absurdo e esta é minha opinião, que externo sinceramente. Discordo, como representante dos curtidores, dessa desagregação e divisão em zonas e acho que os trabalhos foram dirigidos com muito critério, com muito bom-senso. A matéria é complexa. Quanto mais adendos, mais dificuldades e teremos os nossos esforços reduzidos a nada, pois se tornarão inexequíveis. A minha opinião é de que êste trabalho foi elaborado com ponderação e como convencional proponho seja êle aprovado. Cumpre salientar que na discussão em que tomou parte o representante do Itamarati, surgiu uma série de propostas que foram afastadas após distinguidos os seus efeitos contra-indicados. Este parecer já é bastante resumido para a matéria tão complexa.

O Sr. Rotsen de Melo se manifestou favorável ao Parecer.

O SR. JOÃO MOTA — A respeito da divisão por zonas, acho que a nossa região, o Nordeste, é que tem mais peculiaridades quanto ao abastecimento. Nós não contamos com safra nem entre-safra. A falta de couros é um fenômeno que se verifica sempre. Nós achamos por bem que o plenário aprove o parecer da Comissão n.º 1, embora gostasse de submeter ao mesmo um adendo que diz respeito ao cumprimento dessas quotas.

O SR. PRESIDENTE — A fiscalização compete ao órgão do Govêrno, mas também nos toca. Essas irregularidade devem ser comunicadas ao CICB, a fim de encaminhá-las às autoridades.

O SR. JOSÉ CAPELO — Tenho a dizer o seguinte: a indústria de couro, no Ceará, é pequena e lutamos com uma enorme quantidade de exportadores, na sua maioria composta de aventureiros. Mas depois que o couro passou para o câmbio livre, sentimos uma melhora, que nos colocou em pé

de igualdade. Em 1960 houve até um equilibrio mais por causa do decréscimo da exportação do couro espichado. Trancar de todo a exportação seria medida drástica demais.

O SR. JOÃO MOTA — No Nordeste os abates não diminuiram dia a dia. Julgo ser das mais justas a ponderação feita no Parecer, isto é, que sejam exportados até 60% do volume da exportação do ano passado. As matanças não iriam atender às demandas.

Aprovadas as primitivas partes do Parecer, conforme a íntegra reproduzida em outro local dêste número de O CURTUME, passou-se à apreciação do item referente à exportação de couros curtidos.

O SR. PRESIDENTE — Gostaria de tecer alguns comentários antes de pôr em discussão essa parte. Nós temos sentido uma redução muito grande em nossa produção, em vista de sucedâneos aplicados em maior escala, tem havido um excesso de couros crus

exportáveis, porquanto todos os países apresentam um mesmo interêsse, sendo exportadores, para dar emprêgo aos seus operários e comprar mercadoria mais barata. É necessário que o país exporte maior quantidade possível de matéria elaborada e uma vez a indústria se mostre aparelhada para concorrer no mercado externo, que então se faça o possível para abrir área de consumo. A Comissão n.º 1 lembrou muito bem a possibilidade de o Govêrno adotar medidas de ordem cambial ou de ordem fiscal. Quanto aos recursos que o Govêrno escolherá para maior colocação do contingente de couros curtidos parece-me que o plenário tenha pouco a dizer. O que mais nos interessa é que nos empenhemos ao máximo na exportação de curtidos.

Reafirmando a faculdade de o CICB agir junto às autoridades, para levar de vencida as suas resoluções justas, o Sr. Presidente pôs a matéria em votação, sendo aprovada tal como foi redigida pela Comissão.



Schilling-Hillier S. A. Ind. Com.

emulsões acrylicas para o acabamento

pigmentos em pasta isentos de ligantes naturais

purgas enzimaticas com sais descalcinantes

agente de penetração e humectação

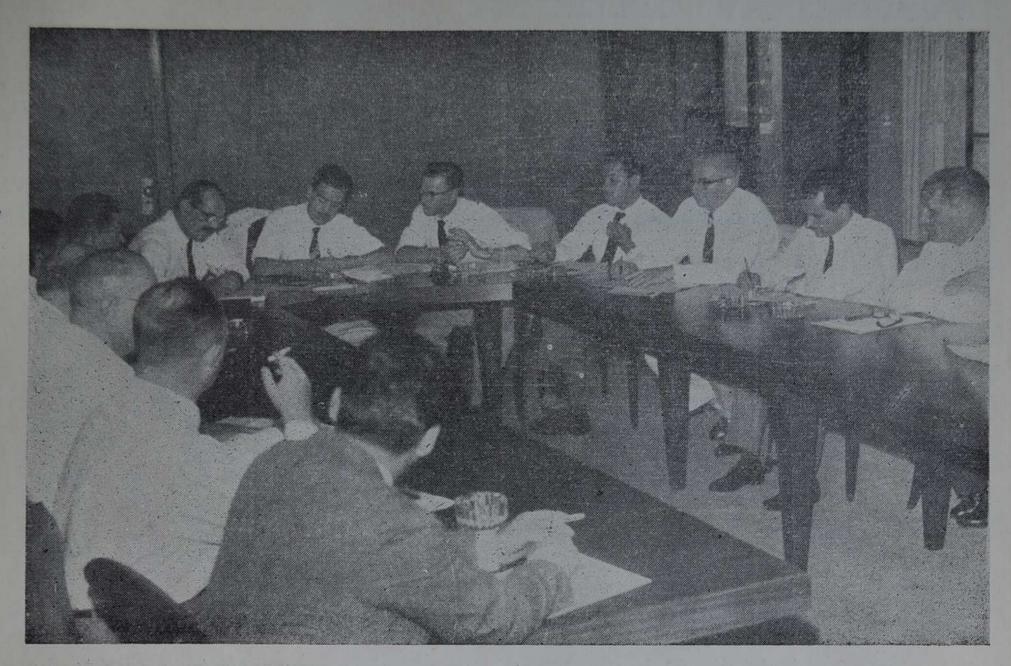
oleos sulfuricinados

ucecryl noripal norison perenin

o de Janeiro C.P. 1030 São Paulo C.P. 2060

Porto Alegre C.P. 489 Salvador C.P. 563

Recife C.P. 113



A Comissão n.º 3 em pleno trabalho

DEFESA DO COURO

UM DOS PRINCIPAIS PONTOS DA COMISSÃO 3

A Comissão n.º 3 preparou substancioso parecer a respeito de vários itens sôbre legislação normativa do emprêgo da palavra "couro", revisão de normas técnicas e política comercial. Acolheu, como ficou antes deliberado, algumas sugestões de outra Comissão e o conjunto das suas conclusões foi submetido a julgamento, pelo plenário, na tarde do dia 20.

Sob o mesmo clima de interêsse e atenção, que foi constante em tôda a I Convenção de Curtidores, ponto por ponto foi examinado e o Parecer, aprovado, é o que se lê juntamente com os das Comissões ns. 1 e 2, em outras páginas dêste mesmo número.

Cabe, porém, um destaque especial a parte referente ao emprêgo da palavra "couro". Os curtidores procuraram definir com propriedade a defesa do produto que elabora, de qualidade insuperável no campo aplicacional. Invocando exemplos de outros países, já com legislação específica, consolidaram a campanha visando a levar o Govêrno a adotar medidas lógicas, identificando a composição do artigo pôsto aos olhos do consumidor, sem permitir uma nomenclatura indevida, inverídica que leva ao artificialismo a vantagem apenas de nome da matéria genuina.

O CURTUME

BALANÇO DE ESFORÇOS E CONFIANÇA NO FUTURO

Presença do Deputado Glóvis Mota - Moções de Reconhecimento

Na manhã do dia 21 houve a sessão do encerramento solene da I Convenção Nacional de Curtidores. Verificou-se o comparecimento total dos representantes de tôdas as regiões, que se deslocaram para S. Paulo a fim de participar do conclave, bem como dos elementos de indústrias fornecedoras de matéria-primas subsidiárias e autoridades.

Duas Moções

O Sr. José Bonifácio da Silveira, vice-presidente do CICB, encaminhou à Mesa duas moções, que foram aprovadas pelo plenário: uma, de gradecimento à FIESP. e outra louvando a atuação do Sr. Mário Rubens Costa, à frente do Centro. O texto de ambas vai reproduzido em outra página.

Plavras Finais

O SR. PRESIDENTE — Nesta

sessão de encerramento, a que tenho o prazer de presidir, quero deixar externados os agradecimentos do Centro ao presidente da FIESP, que nos propiciou gratíssima oportunidade de realizarmos a nossa I Convenção nesta Casa de tão nobres tradições. Estendemos os agradecimentos do Centro em todo o pessoal da Administração e a seus auxiliares, bem como ao Serviço de Imprensa, pela dedicação que tiveram e pelo apoio que nos prestaram, em tôdas as nossas necessidades. Quero agradecer ainda a presença do Sr. Cônsul Villarinho, representante do Ministério das Relações Exteriores, que, como observador, compareceu a tôdas as reuniões e aos debates da Comissão n.º 1, que tratou do Comércio Exterior, Agradeço, também, a presença dos diretores que prestigiaram êste nosso primeiro conclave e a todos os associados dos mais diversos pontos do país, pela sua colaboração e prestí-



BÖHME FETTCHEMIE GMBH

DÜSSELDORF AIIXIIIARFS PARA (NRTIIMFS-IND (NRRFIA)



RECTIL DN-RECTIL DS
RECTIL DN-RECTIL DS
SOLANA TF - FORYLAN LT
PERDOL B - PERDOL BFK
PERDOL M - PERDOL DFK EXTRA
PERDOL M - PERDOL DFK EXTRA

EPPOL DI PASTA CONC. FORYLU CONC

TRIANOL # GRASSAN #

FABRICADOS AGORA NO BRASIL PELA



FABRICA EM JACAREÍ EST. DE S. PAULO

Henkeldo Brasil S.A.

INDÚSTRIAS QUIMICAS

E DISTRIBUIDOS PELA



INDUSTRIAS QUIMICASDOBRASIL S.A.

SÃO PAULO·C.P. 2828 FONE·37·5116

RIO DE JANEIRO·C.P.394

PORTO ALEGRE-C.P. 1614 TEL. 9·1322 RECIFE · C.P. 393 TEL. 6845

gio a esta iniciativa que, temos certeza, virá fortificar, no futuro, a nossa classe, e trazer grandes e positivos resultados para o interêsse comum e da economia brasileira em geral. Agradeço a presença e o apoio das firmas fornecedoras de máquinas e de produtos químicos, que nos vieram, como convidados, trazer trabalhos de apreciável utilidade e estimular a Convenção. A todos, a Diretoria do Centro deseja expressar o seu mais profundo reconhecimento e aproveita a oportunidade para comunicar-lhes que, na reunião de ontem, além de outros assuntos, por proposta do nosso diretor Paulo Rotsen de Melo, ficou estabelecida a realização anual de uma Convenção, evidentemente em moldes mais amplos do que esta, e que se realizará em diferentes pontos do território nacional, sob o critério de rodízio. Ficou assentado que a II Convenção se dará em Pôrto Alegre, em 1962. Agradeço as Comissões, que encaminharam ao plenário pareceres fundamentados, com o máximo de probidade, e tendo em vista os mais legítimos interêsses da nossa categoria industrial. Passo, então, a palavra ao vice-presidente, para falar sôbre a promoção publicitária do fôrro de couro nos calçados.

Campanha Publicitária

O SR. BONIFÁCIO DA SILVEI-RA — Com a incumbência do nosso presidente, coube-me, neste momento, fazer um pequeno comentário sôbre uma das promoções do Centro, referente à campanha do fôrro. Ela visa a que o consumidor possa distinguir as vantagens que o couro oferece. Essa campanha nasceu no R. G. do Sul, onde se concentra o maior número de fabricantes de fôrro. Fizemos, em diversas oportunidades, várias reuniões presença do nosso presidente. A cam-

panha ganhou bom resultado financeiro, roi arrecadada no Estado uma quantia de cêrca de Cr\$ 1.500.000,00, que vem sendo aplicada através da terevisão de S. Pauro, Rio e Belo Horizonte, com exibição de filmes destacando as vantagens que realmente assegura o fôrro de couro no calçado. Tal campanha objetiva um esclarecimento da opinião pública sôbre o que é o couro. É pensamento da nossa entidade promover outra campanha, de maior intensidade, pois estamos sentindo que a influência de produtos artificiais é qualquer coisa extraordinária e a opinião pública não está devidamente prevenida quanto à insuperabilidade do couro. A nossa campanha do fôrro foi iniciada há apenas três meses. E diante dos fatos, achamos que nos devemos esforçar para a ampliação da publicidade pela valorização do couro. Essa nossa primeira iniciativa vale, portanto, como um teste para formularmos a futura campanha em prol não apenas do fôrro, como da sola e da vaqueta. De maneira que os resultados, e não tenho a menor dúvida, nos serão favoráveis.

Moções

O Sr. Fernando da Cunha Andrade deu ciência ao plenário das duas moções de reconhecimento, a que nos referimos acima, e, submetidas à votação, foram aprovadas, depois de o Sr. Paulo Rotsen de Melo haver feito, em tôrno das mesmas, circunstanciadas considerações, enaltecedoras.

Palavra do Cônsul

O SR. CÔNSUL VILLARINHO
— Sr. presidente, Srs. convencionais:
queria, na qualidade de observador,
externar a minha satisfação em poder
verificar, não só durante os trabalhos

da Comissão de Comércio Exterior, mas, também, durante a discussão em plenário, o alto espírito de verdadeiro civismo e verdadeira defesa de interêsse da economia nacional, como um todo, manifestado pelo Centro. Foime grato observar que, não obstante defender lògicamente os seus legítimos interêsses, os curtidores mostraram sempre o mais completo entendimento dos problemas de aspecto fundamental da economia brasileira. Foime grato, outrossim, notar o desejo de todos os senhores, das diversas regiões do País, em colocar o interêsse nacional acima do regional e o interêsse da economia brasileira acima de um interêsse mais particularmente da indústria de curtumes. Verifiquei, ainda, com muita satisfação, no trabalho da Comissão que tive a honra e o prazer de acompanhar, um perfeito entendimento dos problemas do comércio exterior, da necessidade de conseguirmos conquistar o mercado externo não apenas com medidas governamentais, mas, principalmente, através de uma melhoria de produtividade e outras iniciativas que independem do Govêrno. Verifiquei uma mentalidade bastante progressista e, nítido, um desejo de cooperar com o Govêrno no interêsse recíproco de alargar as áreas comerciais para o Brasil. Então, ao ter o prazer de externar essa impressão, aproveito para desejar ao Centro e aos senhores curtidores em particular os meus mais ardentes votos de prosperidade, porque a prosperidade da indústria de curtumes representa a prosperidade da economia brasileira.

A Palavra do Deputado Clóvis Motta

O DEPUTADO CLÓVIS MOTTA

— Sr. presidente, Srs. convencionais,
meus companheiros. Antes de mais
nada, quero dizer-lhes que estou aqui

como curtidor e não na qualidade de representante do povo na Camara Feaeral, mesmo porque se a primeira quandade e permanente, a segunda decorre de certas circunstâncias relacionadas com a nossa vida comum. Gostaria de confessar, aqueles com que não tive o prazer de conversar mais de perto, que tui um dos que vislumbrou a vitória dos nossos pleitos, compensando o ônus da tareta que nos impusemos. Nós conhecemos o trabalho desenvolvido em prol da economia nacional, em nosso setor. Mas nos faltava a publicidade, sem a qual não poderíamos revelar a nossa capacidade e o nosso valor. No comêço da vida do Centro tive a idéia de sugerir que visássemos também a superação das dificuldades mais iminentes. Lembramse os companheiros de que o Centro, pràticamente, iniciou-se numa fase de violenta transformação econômica. Naquela época, surgiam aspectos os mais variados: indústrias estrangeiras que aqui se instalavam obtinham maiores vantagens em detrimento das nossas fábricas; depois, as concorrências, estas, aliás, trazendo o conteúdo benéfico. Recordo a propósito, outra sugestão no sentido de que o Centro ajudasse a indústria por meio de um assessoramento de ordem técnica, pois a indústria de curtumes é quase artesanal. Poucas ainda têm capacidade de manter laboratórios de análises. E acho que não há uma que disponha de laboratório de pesquisas, levando-nos a viver em função das pesquisas dos nossos fornecedores, as quais chegam ao conhecimento de uns antes dos outros. Se porventura estou abordando algumas facetas não positivas, é para orientar uma crítica construtiva, já que a indústria curtidora tem êste representante no Congresso Nacional e que não tem podido realizar nada para êla, particularmente.

O Deputado Clóvis Motta passou, então, a referir-se à luta dos curtidores para coibir o abuso da palavra "couro" em produtos artificiais e de categoria inferior. Deteve-se no exame da tôrça que os industriais dêsses artigos vinham exercendo e advertiu os curtidores da premência de um preparo firme, para enfrentar as conseqüências de um embate decisivo.

Alongando-se nas suas declarações, o parlamentar disse da transformação econômico-social do País, atribuindo-se mais à modificação da mentalidade do nosso povo. E concluiu: "Os meus companheiros são testemunhas dos esforços que a Diretoria do Centro dedica ao debate dos problemas da nossa indústria. Sei que para sobreviver precisamos de união de pontos de vista e isso para corresponder à confiança que o País deposita na nossa recuperação econômica. Figuemos certos, porém, que dias brilhantes nos esperam e que foi uma idéia muito feliz a de configurar em moções o reconhecimento àqueles que tornaram possível a pujança da nossa entidade de classe".

Boas Vindas

O SR. NESTOR BIER - Não queria fazer mais uso da palavra, mas com a indicação do R. G. do Sul para a próxima Convenção, não posso deixar de agradecer a honra que nos foi conl'erida. O. R. G. do Sul, representado neste conclave pelos diretores dos Sindicatos de Curtumes, sente-se orgulhoso em receber, em 1962, um número possivelmente maior de colegas. Esperamos deixá-los à vontade, e, com o que aprendemos nessa I Convenção, consolidar ainda mais a unidade sob a égide do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil. Formulo, pois, desde já, as boas vindas aos colegas que irão ao R. G. do Sul.

Encerramento

O SR. PRESIDENTE — Esperando que a II Convenção seja mesmo mais ampla e completa, do que tenho certeza, dou por encerrada esta nossa I Convenção Nacional de Curtidores.

REPERCUSSÃO NA IMPRENSA

A I Convenção Nacional de Curtidores, se bem que convocada em tempo muito curto, teve a mais ampla repercussão na imprensa paulistana. Todos os jornais, de maior conceito e prestígio, abriram colunas às informações sôbre o conclave e os seus resultados.

Para tanto foi de suma influência o trabalho do setor de imprensa da FIESP, sob a chefia do jornalista Machado Reis, e de uma equipe de excelentes profissionais que primam tanto pela capacidade como pela lhaneza que tanto sensibiliza os que dêles se aproximam.

PARECERES DAS TRÊS COMISSÕES

Objetividade na definição de uma política para a classe

PARECER ELABORADO PELA COMISSÃO N.º 1

Exportação de couros curtidos para países importadores de couros crus nacionais.

No dia 19 de janeiro, reuniu-se a Comissão nomeada para o estudo do problema da exportação de couros curtidos para os países importadores de couros crus nacionais, tendo a mesma eleito para presidente o Sr. Nery Neves de Oliveira Marques; relator, o Dr. Fernando da Cunha Andrade; para membros, os Srs. Régis Soulaz, Vladislav Vukojicic, Justiniano Luiz dos Santos Granjo e José Fasolo.

Com a palavra, o presidente expôs aos membros da Comissão a atual conjuntura do mercado de couros crus e curtidos.

I — Couros crus salgados

Depois de prolongada troca de opiniões entre os membros da Comissão, no final dos debates foi aprovada a seguinte recomendação no que se refere à exportação de couros crus salgados: que se efetue o levantamento dos estoques em poder dos produtores e exportadores, de quatro em quatro meses, no decorrer do ano, para distribuição das quotas existentes, çue se destinam à exportação. Esse levanta-

O CURTUME 33

mento será feito por zonas: 1.ª Zona: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; 2.ª Zona: constituída pelo Estado de São Paulo até Bahia, abrangendo a área de todos os Estados do Planalto; 3.ª Zona: a começar da Bahia, compreendendo o Norte e Nordeste.

O mesmo levantamento deverá ser feito pela CACEX aos critérios anteriormente adotados. A verificação do levantamento efetuado será analisada em reunião convocada pela CACEX, participando os curtidores, pelos seus órgãos representativos, os produtores e os exportadores.

II — Couros secos salgados e secos espichados

A CACEX licenciará até 60% sôbre o volume exportado em 1960, depois de efetuado o levantamento por quadrimestre.

JUSTIFICATIVA

A medida ora sugerida pela comissão se destina a corrigir possíveis desequilíbrios no mercado fornecedor de couros crus à indústria nacional nas diversas regiões do País. Existem características próprias de região para região e a verificação do levantamento dos estoques permitirá à indústria curtidora estabelecer previsões de compras sem a inconveniência de possíveis alterações bruscas no mercado interno, que opera subordinado pràticamente às cotações do mercado internacional no setor de preços. O impacto de um açambarcamento provocado pela exportação, como consequência de oscilações elevadas de preços, poderá desfalcar as reservas naturais de matérias-primas que se destinam à indústria. Julgamos, portanto, que o estabelecimento de um regime de quotas assegurará a normalidade do fornecimento à indústria.

III— Exportação de couros curtidos

A conquista de mercados externos para o couro manufaturado deve constituir-se numa permanente preocupação para a indústria de curtumes, tendo em vista o acêrvo de encargos e responsabilidade das emprêsas curtidoras. Dentre os mesmos sobressaem a inversão industrial, as obrigações sociais, o capital circulante e a comercialização. Justifica-se, por conseguinte, que o Govêrno adote até mesmo uma proteção de ordem cambial, de forma que o couro curtido obtenha um privilégio sôbre a matéria-prima "in natura".

JUSTIFICATIVA

Liberar a retenção sôbre as cambiais de exportação em vigor, o que consideramos um gravame sôbre o custo de ordem de 10% (Dez por cento), provocado pelo deságio. Pode-se assegurar que a receita cambial proveniente da exportação de um couro cru para países de moeda inconversível é da ordem de oito dólares e meio por unidade. Além disso, a exportação de couro curtido promoverá a utilização plena de capacidade industrial dos curtumes, no momento reduzida em 30%. A exportação de um couro curtido para a área de moeda conversível proporcionará uma receita de catorze dólares por unidade.

Acresce que o pleno emprêgo dos equipamentos terá reflexos positivos no custo da produção, propiciando a estabilidade do regime de precos no mercado interno. Justifica-se, também, nas negociações dos acordos de Comércio e Pagamento, recomendar-se às autoridades a inclusão do produto manufaturado.

Sala das Reuniões, 19 de janeiro de 1961.

PARECER ELABORADO PELA COMISSÃO N.º 2

Reforma da Legislação do Impôsto de Consumo.

No dia 19 de janeiro, reuniu-se a comissão nomeada para estudo do projeto de reforma do Impôsto de consumo, tendo a mesma eleito para seu Presidente o Sr. Joaquim Medeiros, rerelator o Dr. Fernando Camillo Monteiro e para secretários os Srs. Antonio Célio Chaves, Ângelo Figueiredo, e Oswaldo Lacava.

Com a palavra, o Presidente expôs aos membros da comissão a atual situação do Impôsto de Consumo que incide diretamente sôbre os couros curtidos e sôbre os calçados e artefatos.

Disse, então, o Presidente que, tendo em vista os estudos que estão sendo planejados, no sentido da alteração da Lei do Impôsto de Consumo, referente a couros curtidos, medida essa no sentido que êsse impôsto seja transferido para a matéria prima, alterando, dêsse modo, a atual alíquota de 2% para uma porcentagem que. por estimativa, atingirá a uma possível alíquota de 40%, a Presidência submete à aprovação dos demais membros da Comissão a seguinte proposição que, se aprovada em plenário, deverá servir de norma de acão para o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil, junto aos órgãos governamentais.

JUSTIFICATIVA:

Os couros curtidos até a anterior Lei do Impôsto de Consumo estavam isentos do referido impôsto, por se tratar de uma matéria prima e de transformação.

Com o advento da nova Lei, aprovada, diga-se de passagem. de afogadilho, aos couros curtidos foi atribuída uma alíquota de 2%. A justificativa para essa medida foi a de que facilitaria um maior contrôle do impôsto de consumo pelos órgãos arrecadadores.

Com essa medida, os fabricantes de calçados, que, até então, estavam sujeitos a uma selagem direta, passaram a uma incidência no sistema "advalorem" de 12%, permitidas as deduções do impôsto na aquisição das matérias primas. Essa alteração era uma justa pretensão há muito desejada pela indústria de calçados, pois pela mesma haveria uma diminuição de mão de obra, além de outros fatores ponderáveis para a formação do custo de produção, e de grande benefício para êsse grupo econômico.

Acontece, porém, que os órgãos de arrecadação do referido impôsto constataram que a arreadação do mesmo, no concernente a calçados, por motivos óbvios diminuiu numa porcentagem ponderável, e, assim, pensam em retornar ao sistema antigo de selagem direta modificação essa sem grande receptividade por parte da indústria de calcado.

Esta comissão, estudando o referido problema, manifesta-se por unânimidade de seus componentes, que o Centro utilize os meios possíveis para que se realmente houver uma alteracão essa só poderá ser a da volta ao sistema antigo do impôsto por selagem direta e jamais concordar que o total do impôsto de consumo venha a recair sôbre a matéria prima, funcionando a indústria de curtumes como arrecadadora do impôsto e, ao mesmo tempo, financiadora, por antecipação, dêsse tributo, julgando a modificação unilateral, prejudicial à indústria de curtumes.

Sala de reuniões, 19 de janeiro de 1961.

COMISSÃO N.º 3

Recomendações ao Plenário da 1 Convenção Nacional de Curtidores.

Item 1

"Que o CICB interfira junto ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, para que se crie uma Lei, baseada na legislação francesa e dinamarquesa, PROIBINDO o uso da palavra couro, isoladamente ou compondo outras, em artigos que não tenham a sua origem de couro animal e, conseqüentemente, na publicidade dos referidos artigos".

Item 2

"Que o CICB publique no seu Boletim a padronização adotada para solas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas". Por outro lado, solicitar dos associados sugestões para a padronização de classificações e nomenclatura dos demais produtos do couro, as quais serão estudadas pela nossa Entidade.

Item 3

"A) SOLICITAR do CICB a publicação de uma separata da classificação comercial de couros e peles de animais, de acôrdo com o Decreto-lei n.º, para distribuição, pelos próprios curtumes, aos fornecedores de modo a que se possa exigir dêstes rigorosa observância das instruções contidas no referido trabalho.

B) Oficiar aos poderes públicos no sentido de exercer uma fiscalização no cumprimento das leis que regulam a classificação comercial de peles, de acôrdo com a lei constante do item A, e a Lei n.º que dispõe sôbre a marcação a fogo.

C) Alertar os colegas para a necessidade do reequipamento dos curtumes no setor da maquinaria e na atualização dos processos industriais e que o CICB apoie o Instituto de Tecnologia do Rio Grande do Sul, destinando, inclusive, uma verba para a execução de um programa de ensino e divulgação de matéria técnica e de estudos para a criação de uma escola especial de formação de técnicos, devidamente reconhecida pelo Govêrno Federal.

D) Recomendar o máximo cuidado no cálculo de custo, na aplicação de uma margem de lucro, levando em conta as altas previstas e a desvalorização da nossa moeda, prazo de pagamento e outras incidências. Recomenda, inda, a observância da aplicação de uma política rígida na elaboração dos

preços de seus produtos.

E) Recebemos da Comissão n.º 2 uma sugestão no sentido de que o CICB, pelo presidente, entre em contato com os órgãos das classes produtoras visando a um movimento nacional e unânime desaprovando a exigência de nova Lei orgânica da Previdência Social, exigindo contribuição dos diretores sôbre as retiradas e honorários. A Comissão apresenta ao plenário esta proposição, lembrando que a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, pelo seu departamento jurídico, está elaborando um mandato de segurança contra aquela exigência.

F) Recebemos ainda da Comissão n.º 2 sugestão no sentido da proibição da exagerada importação de accessórios de couro. Os membros desta Comissão n.º 3, por unânimidade,

apoiaram a sugestão referida.

Esta Comissão considera prematuras quaisquer recomendações ou análise da conjuntura, no próximo biênio, em virtude da mudança de Govêrno. Recomenda, assim, ao CICB, uma política de apoio e colaboração com a execução do programa do novo Govêrno Federal.

Sala das Reuniões, 19 de janeiro de 1961.

Moções de Reconhecimento

MOÇÃO

Curtidores que esta subscrevem propõem à Convenção que se consigne nos anais dêste nosso primeiro conclave de cunho nacional uma ampla manifestação de reconhecimento ao Sr. Antônio Devisate, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, pela maneira sensibilizadora com que se houve ao facilitar-nos as dependências desta importantíssima Entidade, proporcionando-nos também o concurso valoso de numerosos dos seus Funcionários.

Sala das Reuniões, 21 de janeiro de 1961.

MOÇÃO

Curtidores que esta subscrevem propõem ao Plenário um voto de Iouvor ao presidente do Centro das Indústriais de Curtumes do Brasil, Sr. Mário Rubens Costa, pela decidida e proveitosa atuação em prol da classe, quer à frente da Entidade, quer na direção dêste nosso primeiro conclave de caráter nacional, ao mesmo tempo em que nos congratulamos com os colegas de todo o país pelo espírito democrático nesta oportunidade exercido em sua plenitude, com evidente prestígio para a nossa categoria industrial.

Sala das Reuniões, 21 de janeiro de 1961.

PALESTRAS DE FORNECEDORES

Cumprindo o programa, na tarde do dia 20 se reservou um período especial para palestras de representantes das emprêsas fornecedoras de extratos tanantes, produtos químicos e máquinas à indústria de curtumes. No próximo número reproduziremos a íntegra dêsses trabalhos, que oferecem aos curtidores algo de valor para o planejamento das suas atividades futuras.

PESSOAL & VENDAS

Damos prosseguimento hoje a esta seção, procurando melhor servir aos interêsses dos associados do C. I. C. B. Como acentuamos, a Diretoria deliberou franquear as páginas de O CURTUME àquêles que têm máquinas para venda o uque as desejem adquirir de colegas, bem como fazer contrato de elementos para as suas indústrias.

Vendem-se

Três moinhos para casca Lidgerword N.º 4, usados, com rolamentos de esferas e com ventiladores para transporte de casca a ar. Propostas para Curtume Bela Vista S. A., Caixa postal, 35 — Fone 304 — Botucatu, S. Paulo.

Vende-se

Máquina de lustrar de madeira em perfeito estado, própria para Curtume de peles. Dirigir-se ao Curtume Montes Claros, S. A. — Caixa Postal, 34 — Montes Claros — Minas Gerais.

Compra-se

Cilindro de boa marca e em perfeito estado. Curtume Paulista, Pedro Lósi — Caixa postal, 48. Botucatu, S. Paulo.

Vende-se

Máquina de estirar mignon, Enko, capacidade de 120 meios diários em ótimo estado de conservação. Dirigir-se ao Curtume Montes Claros, S. A., Caixa Postal, 34 — Montes Claros — Minas Gerais.

OMPRA DE MÁQUINAS

PARA CURTUME

Vende-se

cilindro para solas, tcheco, marca "Kovo", ainda sem uso. Preço e condições, tratar com Podboi S. A., Indústria e Comércio (Rua Washington Luís, 382/6) — São Paulo, Capital.

Compra-se

máquina para dividir couros, já usada, largura 2. Condições e maiores detalhes, informar à Tychanowicz & Cia., Curtume e Sapataria Labor — Malet, Estado do Paraná.

Técnico

Necessita-se de um, para trabalhar em vaquetas, verniz, etc., com muita prática. Ordenado base Cr\$ 20.000,00, podendo-se elevar em relação à capacidade. Passagens pagas. Informações para Adolfo Quirino, Emprêsa de Curtume do Piauí, Praça Lima Rebelo, 1068 — Paraíba, Estado do Piauí.

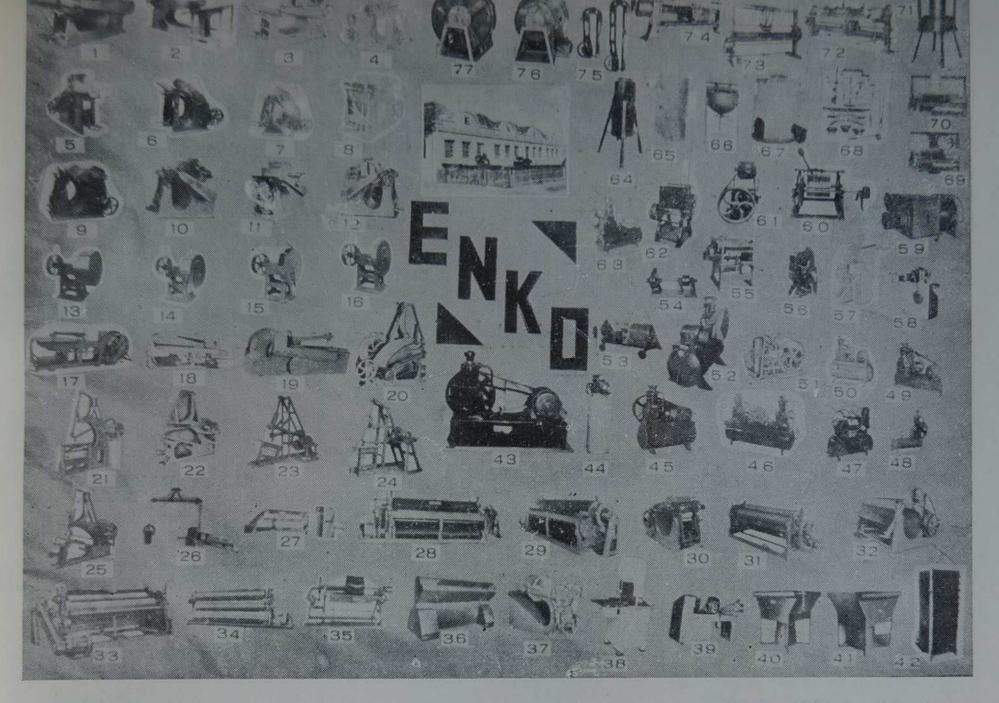
Compra-se

máquina de descarnar, tamanho médio ou pequeno, que sirva para carneiras, estado de regular a bom, Informações detalhadas para Inticher & Cia. — Guarani das Missões, Estado do Rio Grande do Sul.

Preços para Importação de Produtos Químicos

EXTRATOS TANANTES

| | Dólares Convênio |
|--|--|
| Quebracho Solúvel a frio FOB — Buenos Aires Quebracho Idem, CIF — Rio, Santos | Arg \$170 p/tonelada Arg \$195 " Arg \$155 " Arg \$180 " US \$184 " US \$214,80 " D. Kr. 1.600 " |
| BICROMATO DE SÓDIO | |
| Danichrom 25/26% Fob Copenhague | Jap \$289 p/tonelada Pol \$300 " ACP \$315 " US \$315 " 75,00 quilo FOB — RIO 56,00 quilo FOB — RIO D. Kr. 1.400 (US\$200) D. Kr. 1.680 (US\$240) |
| OUTROS PRODUTOS | |
| Sulfito de sódio anidro | \$445 — CIF '' \$445 — CIF '' r. 390 — CIF |
| PREÇOS NACIONAIS | |
| Extrato de Acácia em pó, 68/69% Cr\$ 30 Extrato de Acácia sólido, 63/64% Cr\$ 28 Extrato de Quebracho Cr\$ 30 Ácido fórmico 90% Cr\$ 58 Sulfato de Sódio Cr\$ 19 Hipossulfito de Sódio Cr\$ 19 Sulfureto de Sódio (Fundido) Cr\$ 28 Wargotan Cr\$ 65 Lanichrom 25/26% atomizado Cr\$ 78 Nortan Cr\$ 78 | p/P. Murtinho p/Rio Claro p/S. Paulo |



N.º 1 - Máquina para lixar couros Tipo "C" largura útil 450 mm. — N.º 2 - Máquina para lixar couros Tipo "D" largura útil 300 mm. — N.º 3 - Máquina para lixar couros Tipo "E" largura útil 600 mm. — N.º 4 - Máquina para lixar couros Tipo "B" largura útil 250 mm. — N.º 5 - Máquina para lixar couros Tipo "A1" largura útil 250 mm. — N.º 6 - Máquina para lixar couros Tipo "A2" largura útil 250 mm. — N.º 7 - Máquina para lixar couros Tipo "A3" largura útil 250 mm. — N.º 8 - Máquina para rebaixar couros, tipo standard, largura útil 300 mm. — N.º 9 - Máquina para rebaixar couros, tipo simples, útil 300 mm. — N.º 10 - Máquina para rebaixar couros, Tipo "INVICTA" blindada, útil 300 mm. - N.º 11 - Máquina para rebaixar couros, Tipo "INVICTA" blindada, útil 300 mm. - com três motores — N.º 12 Máquina para rebaixar couros, Tipo "INVICTA" blindada, útil 450 mm. - com três motores - N.º 13 -Máquina para amaciar couros, roda com palhetas, útil 300 mm. - N.º 14 - Máquina para amaciar couros, roda com palhetas, útil 150 mm. — N.º 15 - Máquina para amaciar couros, roda com palhetas, útil 100 mm. — N.º 16 - Máquina para amaciar couros, roda com palhetas, útil 50 mm. — N.º 17 - Máquina para amaciar couros. Tipo "JACARÉ" sem motor — N.º 18 - Máquina para amaciar couros, Tipo "JACARÉ" com motor — N.º 19 - Máquina para cortar em fatias, funcionamento automático. — N.º 20 - Máquina para lustrar couros, inclinada, motorizada. — N.º 21 - Máquina para lustrar couros, horizontal, sem motor. — N.º 22 - Máquina para lustrar couros, inclinada, sem motor. — N.º 23 - Máquina para lustrar couros, estrutura de madeira, mesa inclinada. — N.º 24 - Máquina para lustrar couros, estrutura de madeira, mesa horizontal. — N.º 25 - Máquina para lustrar couros, inclinada tipo moderno. — N.º 26 - Máquina para serrar carcaça de bovinos em sentido longitudinal. — N.º 27 - Máquina para serrar carcaça de suinos em sentido longitudinal. — N.º 28 - Máquina para descar nar couros, motorizada, útil 3.000 mm. — N.º 29 - Máquina para descarnar couros, estilo moderno, útil 2.900 mm. — N.º 30 - Máquina para estirar couros, "Grupões" Tipo Mignon. — N.º 31 - Máquina para estirar couros, estilo moderno, útil 2.900 mm. — N.º 32 - Máquina para estirar couros, próprio para carneiras,, útil 1.520 mm. — N.º 33 - Máquina para descarnar couros, moderna motorizada, útil 3.250 mm. — N.º 34 - Máquina para granear e margaritar, moderna, motorizada. — N.º 35 - Máquina para escovar camurções. — N.º 36 - Máquina para escovar couros grandes, potente exaustor, int. inclin. — N.º 37 - Máquina para escovar couros de porco, pelicas e mestiços. — N.º 38 - Máquina para serrar ossos nos picadores e matadouros "Serra-Fita". — N.º 39 - Máquina para tornear cabos de ferramentas agrícolas "Tôrno-copiativo". — N.º 40 - Aparelho para estudadores exaustores e radiadores apropriados 80 m2. — N.º 41 - Aparelho para estufa com exaustores e radiadores apropriados 100 m2. — N.º 42 - Aparelho para estufa, próprio para funcionar em estufas túneis. — N.º 43 - Compressor de ar, próprio para poços artesianos, alta produção. — N.º 44 - Compressor de ar, próprio para postos de gasolina pequenos. — N.º 45 - Compressor de ar, próprio para pintura e oficinas mecânicas em geral. — N.º 46 - Compressor de ar, próprio para grandes oficinas e martelos a ar. — N.º 47 - Bomba de sucção e compressão à pistão. — N.º 48 - Compressor de ar para pintura e pequenas oficinas. — N.º 49 - Compressor de ar para pintura e poço artesiano. — N.º 50 - Compressor de ar para pintura de couros e automóveis. — N.º 51 - Bomba de pistão de alta pressão para lavagem de automóveis. — N.º 52 - Compressor de ar para pintura Tipo "C3". — N.º 53 - Bomba de bronze, feita especialmente para trocar água pressor de ar para pintura Tipo "C3". — N.º 53 - Bomba de bronze, feita especialmente para trocar agua de tanino. — N.º 54 - Bomba centrifugal, para água até para poços de 6 metros. — N.º 55 - Máquina para desengrossar madeiras "Grossura". — N.º 56 - Moínho com cruzetas, tipo navalhas, próprio para cascas tanantes. — N.º 57 - Moínho com cruzetas, tipo navalhas, próprio para ossos e outras farinhas. — N.º 58 - Máquina autmática, para cortar placas de baterias e outras. — N.º 59 - Caixa de engrenagens a óleo, de redução e reversão para folão. — N.º 60 - Conjunto de engrenagens para fazer reversão em tambores de sla. — N.º 61 - Caixa redutora de velocidade, para fulões e outras indústrias. — N.º 62 - Máquina para misturar massa de carne para salame. — N.º 63 - Compressor de ar, Tipo "C4", para serviços em geral. — N.º 64 - Aparelho para digerir ossos — Autoclave para vapor. — N.º 65 - Caldeira para acalentar agua em pequena ascala. água em pequena escala. — N.º 66 - Caldeira para dil uir tintas em banho-maria. — N.º 67 - Aparêlho para digerir ossos — Autoclave com funcionamento a fogo. — N.º 68 - Conjunto de ferramentas, para trabalhar em curtumes. — N.º 69 - Conjunto de ferramentas, próprias para trocar navalhas usadas. — N.º 70 - Conjunto de ferramentas, para trocar navalhas usadas de rebaixar. — N.º 71 - Prensa para extração de banha - fabricação de torresmo. — N.º 72 - Máquina para estampar e assetinar couros, tamanho 3.000 x 300 mm. - 73 - Máquina para assetinar couros e peles. — N.º 74 - Cilindro para solas, tipo "TAURUS", com 30 otneladas de pressão. — N.º 75 - Aparelhos para medir espessuras dos couros "ESPESSÍMETRO". — N.º 76 - Aparelhos para curtir couros, conjugados com caixa de engrenagem. — N.º 77 - Aparelhos para curtir couros, conjugação simples.

INDÚSTRIA DE MÁQUINAS ENKO LTDA.

Vila Industrial - NOVO HAMBURGO - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL Caixa Postal, 24 - Endereço Telegráfico ENKO - Telefone, 240

BRASITEX - POLIMER

INDÚSTRIAS QUÍMICAS SA

Rua Marconi, 124 - 4.0 and. Fone 37-7195 - Teleg.: SABRASITEX C. Postal, 8108 - São Paulo Fábricas: Rua Baraldi, 390-414 Rua São Jorge, 230 São Caetano do Sul

